



BRASIL-MAORI: APRENDIZADOS, PROCESSOS E REPRESENTAÇÕES MULTICULTURAIS DA NOVA ZELÂNDIA

Carlos A. Tavares Junior¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo mostrar a conquista de espaços na mídia, principalmente no rádio, pelo povo indígena maori na Nova Zelândia. Diante da perspectiva dos Estudos Culturais, pretende-se assinalar os principais tópicos da inserção do povo maori na mídia neozelandesa e, desta maneira, aproximar as experiências desta integração multicultural.

PALAVRAS-CHAVE: *Brasil-Nova Zelândia. Rádio. Mídia. Povo Maori. Multiculturalismo.*

ABSTRACT: This paper has the purpose to show how the New Zealand's Maori people reached on the media and the radio stations. From the Cultural Studies perspectives, this essay also aspire to appoint the ways of the Maori People insertion on the New Zealand media and thus bring these experiences of multi-culturalism integration.

KEYWORDS: *Brazil-New Zealand. Radio. Media. Maori People. Multi-culturalism.*

¹ Radialista diplomado. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pelo PPGCOM-USP. É pós-doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: carlostavaresjr@alumni.usp.br

Introdução

O rádio convergente com transmissões *on demand*, cuja escolha de conteúdo para se ouvir, além da programação transmitida ao vivo remete a uma noção da gestão do tempo (AGAMBEN, 2009) não sendo mais um empecilho na relação do ouvinte de rádio conectado à internet.

Nesse momento, a Nova Zelândia emerge com oportunidades para a realização de conteúdos contemporâneos, como experimentos notabilizados pelo projeto realizado em 2015 pelo conglomerado de mídia Disney, no qual a jornalista Eleanor Ainge Roy, do periódico britânico *The Guardian* constata que *o renascimento* do maori como língua materna no *mainstream* do canal neozelandês, como o Netflix. Na mesma matéria, Roy entrevista John McCaffery, professor de letras da Universidade de Auckland (2018²), que constata:

Nos últimos três anos, realmente tem sido comovente, Māori se tornou *mainstream* [...] O que temos visto é uma clara indicação de que o status e prestígio da linguagem tem aumentado dramaticamente e pesquisas mostram que isso é um dos indicativos principais se crianças e jovens terão interesse e se comprometerão a aprendê-la³. (Tradução nossa).

122

Além do reconhecimento do idioma maori realizado legalmente em 1987⁴, a importância do trabalho realizado nos meios de comunicação neozelandeses também proporciona uma troca de experiências entre dois países do hemisfério sul, um no continente oceânico e outro na América do Sul. Um exemplo trata da observado na geração de programas gravados em português com conteúdo maori e latino-americano, como já citamos pelo trabalho desenvolvido na Massey University pelos professores Leonel Alvarado (Massey University) e Luciano Victor Barros Maluly (Universidade de

² Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/jul/28/google-disney-maori-new-zealand>

³ No original, em inglês: “It has been really dramatic, the past three years in particular, Māori has gone mainstream [...] What we’re seeing is a clear indication that the language’s status and prestige has risen dramatically and research shows that is one of the key indicators of whether children and young people will be interested and committed to learning it”.

⁴ NEW ZEALAND, 1987. Disponível em: <http://www.legislation.govt.nz/act/public/1987/0176/latest/DLM124116.html>>. Acesso em 15/12/2019.

São Paulo), que consiste em produzir programas de rádio sobre a integração multicultural entre América Latina e Nova Zelândia.

Sob este bojo, as experiências de programas indígenas (nesse caso, dos quéchua) com as rádios livres bolivianas, foram estudadas pelo pesquisador argentino Daniel Prieto Castillo em 1986. Intitulado “Comunicadores en idiomas nativos”, o trabalho consistiu na produção e veiculação de programas no idioma quéchua pela emissora La Voz de los Andes. Segundo Prieto Castillo (1986, p. 56):

Aprendí que cuando existe voluntad de trabajos que cuando un grupo se lanza a una labor creativa, un proceso educativo requiere de mayores refinamientos. Y algo más, lo fundamental sin duda: la fiesta del lenguaje. Brotaron poesías, leyendas, relatos, bromas, juegos de palabras. Una capacidad que regocijarse con el lenguaje que tan poco asoma en nuestras aulas universitarias [...] Fue la experiencia educativa más rica que me haya tocado vivir.

De maneira incisiva, a tarefa apresenta desafios experimentais tanto no Brasil quanto ao fato de se trazer ao contexto da radiodifusão latino-americana, conteúdos sonoros neozelandeses, sobretudo no idioma maori, nativo do continente da Oceania e, diferente de alguns idiomas falados e derivados da colonização, este soa profundamente asiático com tonalidades dos idiomas polinésios. A principal diferença experimentada no caso Maori trata-se de estímulos e incentivos culturais da Nova Zelândia para reviver seu idioma nativo e o fato de canais do *mainstream* terem incluído conteúdos maori em contextos locais acentuam a necessidade da experimentação desse país que reconheceu a oficialidade do idioma nativo e posteriormente fomentou a fala da língua local. Se um conteúdo no idioma Tupi-Guarani for transmitido no Brasil, o mesmo possuirá a atribuição *estrangeiro* ou *não nacional*. A jornalista e consultora Ângela Maria Pappiani, idealizadora do Projeto Programa de Índio, realizado em 2009 na Universidade de São Paulo em conjunto com a Rádio USP reforça esse âmbito especificado:

Difícil imaginar o que se passou de verdade nos primeiros séculos de ocupação do país, a extensão do choque cultural provocado pelo “desencontro” desses dois mundos. Os relatos e os registros que os europeus deixaram dessa época são filtrados pela cultura e pelo pensamento daquele tempo, estão permeados pelos interesses, pela dificuldade de entendimento e pelos medos. Os outros personagens da história - os povos indígenas - não deixaram registros sobre o encontro com o branco, apenas referências que passaram a integrar as narrativas e os mitos transmitidos para as novas gerações. (PAPPIANI, 2012, p. 109).

A presença maori na Nova Zelândia

A constatação mais surpreendente durante a pesquisa de campo ocorreu a partir do contato com a funcionária da Embaixada do Brasil na Nova Zelândia, Ana Azevedo, ao trazer um rico compêndio de ações e políticas públicas adotadas pelo governo neozelandês:

Sobre o enfoque Māori, sim, nós temos. Acho que podemos considerar duas maneiras distintas ou dois tipos de atividades da Education New Zealand, a promoção do destino e o fomento de parcerias.

Nas atividades de promoção, sempre apresentamos a NZ como um país bicultural. Começando pela maneira como nos apresentamos, usando nossos nomes em Inglês e Māori, Education New Zealand Manapou ki te Ao. Manapou ki te Ao não é uma tradução do Inglês, mas um nome desenvolvido em Māori (veja abaixo). As ações que se encaixam nesta primeira opção são aquelas mais generalizadas, direcionadas a uma audiência variada.

Cenário⁵:

Manapou: Uma pedra de cor avermelhada ou marrom mencionada por ser trazida pelo papagaio kākā em sua papada de Hawaki; mencionada como a pedra de algum fruto.

Ki te Ao: A palavra “Ao” pode ser traduzida como “Mundo” e também se refere a “Origem” que exprime a ideia do novo. Na cosmogonia Maori a ideia de *Ao* significa o amanhecer, um novo começo a cada dia, novas experiências, novas oportunidades e novos aprendizados.

Manapou: Apoio e sustentação da vida que permite crescimento e progresso.

⁵ Material referido por Azevedo e repassado no original em inglês. Tradução nossa.

Ki te Ao: Para o mundo.

O segundo tipo de atividade já é bem mais específico. Nosso papel não pode ser o de fomentar parcerias dentro de uma visão ocidentalizada da educação, ou da educação internacional, mas sim o de apoiar acadêmicos, pesquisadores, professores, estudantes e instituições de ensino Māori (assim como iwi), para que eles atijam seus objetivos. Na grande maioria das vezes são eles que identificam os parceiros desejados e nós apoiamos as ações. Alguns exemplos incluem o fomento de colaboração em pesquisa entre indígenas da NZ e dos Estados Unidos, parceria com universidades na Malásia para mobilidade de estudantes indígenas, parceria com escolas no Japão para ações dentro do contexto de cidadania global.

Também temos como objetivo aumentar a participação de estudantes Māori nos programas de bolsa de estudos do governo, como o Prime Minister Scholarship to Latin America and Asia. Neste ano recebemos propostas organizadas diretamente por iwi. Em um outro projeto, para diversificar serviços na área de educação, estamos trabalhando com projetos desenvolvidos por uma Wānanga (instituição de Ensino superior Māori).

Como agência do governo também temos o compromisso de honrar o Te Tiriti o Waitangi, o que inclui apresentar o sistema de educação da NZ de uma maneira que reconheça a importância do Te Tiriti. Objetivos específicos dentro desse contexto são determinados pelo Ministério da Educação em uma Letter of Expectations direcionada à Embaixada da Nova Zelândia.

A partir dessa constatação, faz-se necessária a abordagem específica do Tratado de Waitangi, assinado no século XIX entre a Coroa Britânica e quinhentas lideranças maori. De acordo com os especialistas da Faculdade de Letras (College of Humanities) da Massey University, como os professores Leonel Alvarado e Hone Morris, se trata do primeiro documento efetivamente de caráter multicultural redigido na Nova Zelândia.

Mostra permanente: o Tratado de Waitangi no museu Te Papa em Wellington

A mostra da história do povo maori na Nova Zelândia nos períodos anterior e posterior à colonização inglesa tem como motivo principal o texto redigido no país em 1840: o Tratado de Waitangi, com a coroa britânica (à época, a Rainha Victoria I) e 500 líderes de tribos maori, cuja ressalva ainda conta com a recusa de lideranças maori a assiná-lo por divergir dos termos negociados e não garantidos diante das expectativas dos não signatários.

Figura 1: Apresentação do Tratado de Waitangi - Assinaturas de uma Nação



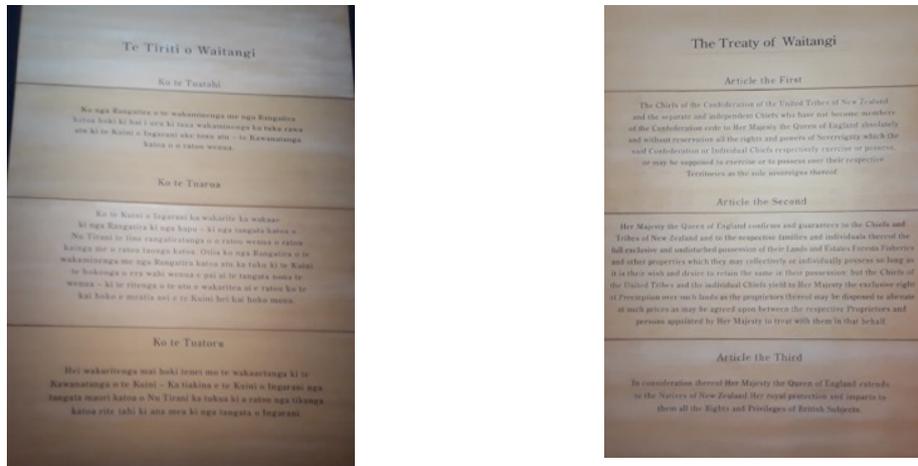
A descrição do pôster de apresentação (tradução nossa) segue abaixo:

126

O Tratado de Waitangi é o documento de fundação da moderna Aotearoa Nova Zelândia. Foi assinado em 1840 por representantes da Coroa Britânica e mais de 500 chefes Maori.

O Tratado é um símbolo da relação singular entre os povos dessa nação – uma relação que continua a evoluir nos dias de hoje.

Figura 2: Fotografias das versões em inglês e maori do Tratado de Waitangi obtidas com autorização da curadoria do Museu Te Papa



Em destaque, o documento é reproduzido em tamanho ampliado em dois painéis distintos, um em inglês, língua oficial do Reino Unido e outro no idioma maori. Abaixo seguem as transcrições (tradução nossa) a partir da versão em inglês:

Artigo Primeiro: os chefes da Confederação de Tribos Unidas da Nova Zelândia e os chefes separados e independentes que não se tornaram membros da Confederação cedem à Sua Majestade a Rainha da Inglaterra os direitos totais e absolutos, sem reservas, a soberania que a mencionada Confederação ou Chefes Individuais respectivamente exercem, possuem ou podem estar sujeitos a ter sobre seus respectivos territórios como a soberania dos mesmos.

Artigo Segundo: Sua Majestade, a Rainha da Inglaterra confirma e garante aos chefes e as tribos da Nova Zelândia e suas respectivas famílias e seus indivíduos a posse total, exclusiva e inalterada de suas terras, dos imóveis florestais, de pesca e de outra propriedade que possuem coletivamente até que seja de suas vontades manter-se nas mesmas propriedades, exceto os chefes das tribos unidas ou chefes individuais que deram à Sua Majestade o direito exclusivo de prioridade de aquisição sobre as terras cujos proprietários podem ser despejados ou alienados a tal preço como podem acordar entre os respectivos proprietários e pessoas nomeadas por Sua Majestade a tratar com eles em seu nome.

Artigo Terceiro: Em devida consideração, Sua Majestade, a Rainha da Inglaterra estende aos nativos da Nova Zelândia a sua real proteção e comunica a eles todos os direitos e privilégios de Súditos Britânicos.

Dos tópicos que chamam à atenção a partir de relatos históricos, a relação entre colônia e colonizados, cessão de direitos e deveres para casos de aculturação e condições de alienação territorial para lugares não demarcados como reserva indígena maori.

Das Iwi às estações midiáticas e a rivalidade tribal na mesma etnia maori

A entrevista presencial com Warren Warbrick no Marae Rangimarie, em 3 de agosto de 2022, tratou dos temas das tradições maori, sendo que alguns destes foram recorrentes da entrevista com o Prof. Dr. Hone Morris, enquanto outros trataram das seguintes peculiaridades do povo maori da Nova Zelândia: a Iwi tem uma equivalência quase estrita ao termo *tribo indígena*: várias famílias fazem partes de uma Iwi, cuja governança se restringe aos próprios membros. Em caso de amistosidade entre Iwis, nota-se a cordialidade e o respeito entre os membros de Iwis vizinhas, mas no caso de não reconhecimento da autoridade de outra Iwi, as rivalidades se acentuam, como por exemplo, a ausência de funcionários maori em estações de rádio controladas por membros de Iwis com alguma relação de animosidade.

128

O idioma maori como meio de integração multicultural

O Tratado de Waitangi, considerado pelos historiadores neozelandeses como o primeiro documento multicultural, consiste em um acordo que reconhece a autogovernança dos maori aos líderes, cuja obediência não provinha de ordens, na época, da rainha Vitória, o idioma inglês não seria imposto e apesar de contar com a adesão de muitos líderes, não foi assinado unilateralmente porque haviam Iwis e lideranças que discordavam com os temas acordados. Para o professor titular do curso de Letras, com habilitação em maori, Hone Morris (2022):

Com o jornal se deu a oportunidade do Te Reo [o idioma] Maori para eles se comunicarem em sua língua. Então, depois de 1920, creio que os jornais que já circulavam e havia quem escrevia inteiramente em

Te Reo Maori e então, as pessoas começavam a falar sobre os problemas e desafios que os maoris enfrentavam, isso desde 1842. Então, eles entenderam que o governo daquela época, após a assinatura do Tratado de Waitangi, não era cobrada multa e não haviam boas escolas que o maori era falado. Então foi assim que as regras surgiram e sobrevivemos [desta forma] até 1900. Eu acho que a principal coisa ocorreu foi no início de 1900, quando nossos anciãos tentaram aconselhar os jovens não falarem em maori – havia até uma cidade que isso ocorreu e daí eles disseram “bem... não falamos em maori muito bem, mas...” – dessa forma, primeiramente se aprendia inglês e começaram a dizer “espere! Sabe, quando eu comecei a falar maori, comecei a falar errado”.

O alfabeto maori catalogado se consiste de 15 letras da escrita latina, das quais os dígrafos indicam uma consoante que não possui correspondência na pronúncia do inglês: *wh* indica uma pronúncia labial, algo entre o *f* e o *v*; enquanto *ng* indica que a próxima vogal grafada possui som anasalado. O único sinal gráfico existente, o macron (¯) pode ser indicado nas 5 vogais para se assinalar uma vogal aberta. Nesse caso, m̄aori possui a pronúncia *máuri*, ao invés de se pronunciar o *a* duas vezes, da forma errada “maaori”. Também se destaca o *r* como uma letra cuja pronúncia se diferencia do inglês com o som próximo do *r* português entre duas vogais. Hone Morris (2022) também aborda como ocorreu o ensino de maori nas escolas:

Em 1920, [Sir] Apirana Ngata, um político muito conhecido, da [região eleitoral da] costa leste, da cidade Te Araroa, ele começou a fazer muitos esforços e o idioma maori era apenas ensinado em algumas escolas particulares, não era ensinado nas escolas públicas. Em 1924, o maori tornou-se um idioma [do curso de Letras] para formar bacharel em artes em uma universidade da Nova Zelândia, que ficava em Auckland. Esse curso começou em 1951. E então, em 1924, o Maori se tornou uma Unidade de Língua para o Bacharelado em Artes na Universidade da Nova Zelândia, que era em Auckland, em 1924. Então foi quando eles começaram nas universidades. E então, durante a guerra, eles usaram a língua maori para recrutar maori, e em 1939 eles tiveram um batalhão na guerra, e sua língua foi perdida pelos soldados que morreram durante o combate. Então eles começaram, como eu disse, em 1951, no Auckland University College a ensinar Te Reo Maori, em 1951, pela primeira vez. Já, em 1953, acho que apenas 26% das crianças nascidas maori falavam Te Reo Maori, em 1953. Mas em 1952 havia um levantamento diferente de Henry Williams, um professor da Nova Zelândia, você vê isso? Aquele livro em 1957 é a sexta edição, e então a partir dessa época, na década de 1960, havia o relatório Hunn, apontando a língua maori em

declínio. E aí quando começou a TV, foi na década de 1960, era tudo em inglês, tá? Só, em 1963, houve uma série de programas em Te Reo Maori transmitidos no rádio. Então, em 1959, foi publicado um livro sobre a língua maori. Mas a principal [publicação que estimulou a] confiança para a revitalização do Te Reo Maori, creio que foi na década de 1970, quando tínhamos um grupo de rapazes e moças em Auckland.

Entre as décadas de 1950 e 1970, a contribuição maori no inglês falado na Nova Zelândia ainda não seria comparável com as contribuições de palavras de Tupi Antigo, ao português falado no Brasil ao ajudar a consolidar uma maneira diferente de se falar, por vezes, confundido como dialeto, embora se tratasse de uma vertente de identidade nacional do idioma dos colonizadores falado no país em questão, nesse caso especial, a Nova Zelândia. Morris [2022] esclarece:

Não sei se você ouviu falar do Grupo Nākamatowa, mas eles começaram a reivindicar ao governo [neozelandês] para introduzir a língua maori nas escolas. E então a população era bem pequena, só 10% da população era maori. Não até 1972, isso é o principal, quando os Nākamatowa apresentaram uma petição com 30.000 assinaturas ao governo, uma petição em língua maori, em 1972, e em 1973 eles fizeram um relatório e foi então que eles começaram realmente a ter que abordar medidas para reviver a língua maori. E aí começaram todas as faculdades de professores, sete faculdades de professores naquela época, começaram a dar cursos de estudos maori. Então, em 1975, eles fizeram uma coisa chamada “Semana da Língua Maori”, eles dedicaram uma semana para praticar a língua Maori e reviver o idioma. E depois em 1975... Em 1978... Não em 1975 [mesmo], a primeira escola bilíngue. Tínhamos uma escola, era em Bay of Plenty, um local de ensino quando começamos uma escola bilíngue, a primeira na Nova Zelândia.

A importância da Semana da Língua Maori mostrou-se efetiva, por exemplo, na emissora de caráter universitário, a Radio Active (88,6 FM) de Wellington, que realiza cursos de Te Reo Maori para os seus locutores e durante esses dias, a programação torna-se temática, desde a fala até os blocos musicais exclusivos em maori. O professor Hone Morris (2022) detalha como esse processo se desenvolveu a partir da acessibilidade proporcionada pelo ensino:

A escola bilíngue [em questão] começou a ensinar nos dois idiomas, inglês e maori. Daí a língua maori se tornou uma língua oficial [curricular], em 1981. Desde a primeira vez que eles introduziram o maori, eles levaram 6 anos antes até quando realmente isso aconteceu. E então, em 1982, eles chamaram de ninhos de idiomas, Kohanga Reo, onde o primeiro Kohanga Reo foi aberto em Wellington, onde crianças pequenas eram ensinadas, apenas para serem capazes de andar e falar, essa foi a primeira língua ninho [destinadas a um público jovem de Jardim de Infância]. Foi aí que a gente realmente começou a onda da revitalização, em 1982. Em 1983 eles abriram uma estação de rádio, que é Te Reo o Pōneke (a voz de Wellington) [produzido na Victoria University]. E então algumas outras universidades, universidades Maori, abriram, naquela época. Então em 1985, porque depois de 4 anos eles tinham o Te Kōhanga Reo, esses graduados que falavam maori fluentemente, então eles tinham que ter escolas e eles começaram a criar escolas, escolas Kaupapa, o que nós chamadas escolas de filosofia Maori, em 1985. Então a partir disso, a partir de 1982 começou o ninho de idiomas, e para atender aqueles que estão saindo disso, como ninhos de idiomas para jardins de infância ou escolas de primeira infância, eles tinham escolas de filosofia Maori. E então, é claro, tivemos o Tribunal de Waitangi, que procurou corrigir os tempos sob o Tratado de Waitangi, quando houve muitos abusos e perda de terras, e naquele estágio, é claro, houve um momento de mudança na Nova Zelândia, chamado Nao Te Aotearoa. E então a escola Kaupapa foi reconhecida e, desde então, criamos, em 1987, quando a língua maori [se tornou idioma nacional] oficial e então desta vez, eles tinham as escolas especiais, onde as pessoas poderiam frequentar por uma semana inteira, onde você iria aprender e falar a língua maori, dia e noite, por 7 dias. E foi assim que vários jovens começaram a ser muito fluentes, e agora temos alguns, acho eu, alguns falantes fluentes de vez em quando ... E então na TV você pode ouvir Te Reo Maori sendo bastante falado. Então, para mim, nós tínhamos 87 escolas de educação infantil, e a próxima etapa, as universidades e as [emissoras de] rádios, e então apareceu a emissora de TV. Em 1984, acho que eles diziam [sobre] cerca de 10 mil falantes fluentes. Agora, não tenho certeza, foi em 1994, então em 1997 tínhamos 32 mil alunos na educação maori e 55 mil aprendendo Te Reo maori. Isso foi na década de 1990 e ficou cada vez mais forte. E eu acho que realmente, podemos dizer que [o idioma maori] está em uma posição forte no momento.

Da mesma forma que o Brasil teve a presença dos missionários jesuítas, em especial Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, ao criarem o dicionário de Tupi Antigo, cuja referência até hoje perdura, mesmo com a extinção do Tupi Antigo, cuja

vertente mais próxima falada na atualidade corresponde ao Tupi-Guarani em meio a uma miríade de idiomas nativos derivados de quatro troncos linguísticos diferentes falados no Brasil. Outro exemplo notável remete à criação de um alfabeto indígena do povo Cherokee, nos Estados Unidos, quando da elaboração, a escrita deles surgiu em caracteres idealizados e desenhados por eles. A dinamização da língua falada pelos maori também teve semelhanças e Morris (2022) explica tais peculiaridades:

Quando você me contou sobre os indígenas terem a transferência de conhecimento por meio de histórias, oralmente, em oposição à escrita. Bem, [aqui] tivemos sorte porque a partir de 1815, quando Samuel Lee levou os dois chefes para a Universidade de Cambridge para criar o alfabeto, isso foi realmente refinado agora e é muito fácil de registrar pela escrita. Nossos ancestrais foram muito rápidos em aprender a escrever, e alguns deles foram capazes de falar em vários idiomas em um curto período de tempo. Mas antigamente a maneira tradicional de transmitir seu conhecimento [maori] era através da oralidade: os jovens eram selecionados de diferentes grupos sociais e eram levados e aprendiam conhecimento esotérico, conhecimento espiritual, e eles se tornavam uma espécie de detentores desse conhecimento. Isso foi [em período] pré-europeu [anterior à colonização]. Então, quando os europeus chegaram, se não quando chegaram os primeiros, tivemos a sorte de ter alguns [colonizadores] que eram bons em registrar a história, então conseguimos reter muito da história, especialmente, através desses registros. Então, [nesse aspecto] tivemos sorte. Quanto à estrutura [linguística]... Bem, o Te Reo Maori, foi criada por um padre chamado Cliff Ballard, e agora podemos interpretar, para aqueles de nós que como eu, quem realmente ama línguas, é capaz de manter a língua de uma forma estruturada. Mas oralmente, posso dizer que, falando oralmente, posso fazer as duas coisas, e muitos de nós podem transmitir isso oralmente e por escrito. Então, nesta fase, acho que foi no início dos anos 1990 quando as primeiras teses, de doutorado, foram escritas e traduzidas para o maori. Agora temos mais de 200 teses escritas, teses de doutorado, escritas em Te Reo Maori. Enquanto originalmente, na década de 1950, tínhamos [apenas] os diários escolares que foram criados e totalmente escritos por maoris, então pegamos muito de nossas origens e muitas de nossas memórias tradicionais de toda a Nova Zelândia foram registradas. Mas há alguns que ainda não [o] foram, e ainda estão vivos! Então, você pode ir a alguns lugares e ouvir histórias que você não está vendo na forma escrita, porque elas ainda estão no conhecimento oral.

No bojo das ferramentas de preservação da identidade, o idioma Maori ocupa um lugar especial não apenas nos topônimos, mas na utilização de palavras híbridas, como por exemplo a palavra *Whanau*, palavra utilizada para se referir à família ou mesmo *Kai*, que significa comida. Hone Morris (2022) explica como os não maoris [Pākehā] incorporaram esses elementos no inglês falado na Nova Zelândia:

Sim, esse é um tópico muito bom: inicialmente, houve muita resistência da população mais ampla dos idosos aqui na Nova Zelândia para as pessoas que falavam maori, e as pessoas eram discriminadas por falar, tivemos uma situação em que uma senhora maori recebia pessoas em maori, e houve um grande incidente. E ela se tornou, ela se tornou uma figura de referência muito forte agora para os Maori. E agora que está lentamente se tornando aceito, as pessoas perceberam que [o maori] não vai desaparecer, o legal disso é que muitos nomes de lugares são dados, estão sendo lembrados e estão voltando para o nome original do lugar, o nome Maori, e muitos projetos históricos estão revitalizando lugares onde os assentamentos maori estavam e estão se tornando locais turísticos, onde as escolas agora levam as crianças a esses locais históricos e aprendem sobre a história real da terra. Considerando que antes só aprendíamos do ponto de vista inglês, agora as pessoas percebem que há uma bela história, história maori, na terra, e eu estive envolvido com alguns projetos no maori, nós participamos de quiosques educativos onde as crianças em idade escolar podem ir e aprender tanto a história Maori, informações científicas sobre água e sustentabilidade, quanto a revitalização ambiental, cuidando do meio ambiente. Portanto, agora há muita aceitação não tanto do idioma, mas mais sobre o conhecimento maori, a perspectiva maori e até certo ponto, agora você ouvirá isso o tempo todo na TV; a maioria das pessoas sabe o que é comida e família. Você ouvirá muitas pessoas usando palavras em maori em conversas particulares.

Apesar do fato que povos indígenas possuem semelhanças, a principal característica se encontra em particularidades, por muitas vezes, associadas a um local específico. Por exemplo, no museu Te Papa (traduzido como: O Chão) de Wellington, a mostra maori exemplifica a tipicidade da cultura, como o período de pesca não coincidir com as fases da Lua. A partir desse registro, faz-se necessária a menção do clima neozelandês possuir características como os corredores de vento em torno das duas principais ilhas que formam a Nova Zelândia e o período chuvoso ocorrer durante o inverno, na mesma época e período no Hemisfério Sul, quando o inverno no Brasil

apresenta um período marcado por seca. Por motivos locais, o povo maori possui um registro típico, cuja época de entrar na canoa para pescar não ocorre em plena Lua Cheia. Hone Morris (2022) explica como as particularidades neozelandesas têm registro marcado pelo povo maori e alguns conhecimentos tornam-se disponíveis durante o período escolar:

Eu acho que temos uma leva muito forte de estudiosos que falam Te Reo Maori e que estão pesquisando Te Reo Maori, como alguns antes, agora nas escolas que usamos para ensinar a língua maori, todo o currículo, o currículo escolar ensinado em Te Reo Maori, em vez de apenas ir à escola para aprender o idioma, os alunos agora podem ir e aprender ciências, matemática e todas as atividades curriculares em Te Reo Maori. Portanto, aqui, onde agora temos graduados da escola secundária, da escola maori, que são muito, muito fluentes e muito conhecedores de astronomia, tudo do ponto de vista maori. Então, esse conhecimento não está sendo perdido da pesquisa, então, definitivamente é muito mais aceitável, a língua maori, porque não vai acabar [e], as pessoas sabem que não vai acabar, e também percebem: “Uau, há muita beleza nisso como e [portanto é um] belo conhecimento [aprendido e ensinado] no mundo maori”.

Morris (2022) também aborda como algumas práticas culturais maori se incorporaram ao cotidiano neozelandês, como por exemplo a dança de guerra, Haka, realizada pelos jogadores da Seleção de Rugby antes do início das partidas. O que antes fazia parte de um ritual de hostilidade antes do enfrentamento de Iwis beligerantes fora absorvida como um elemento de enaltecimento da competição de partidas esportivas, cuja animosidade inata acaba absorvida como elemento da disputa do jogo:

Acho que vamos encontrá-la [as práticas] agora, especialmente nos esportes aqui. Também, descobrimos que muitas de suas equipes esportivas fazem o que chamamos de Haka, antes de começarem suas competições, e muitos esportistas agora. [Até] celebridades, falam Te Reo Maori. Temos alguns filmes lançados que foram muito significativos [marcados pela cultura maori]. No Festival de Veneza, houve um e foi traduzido inteiramente em Te Reo Maori, e isso ótimo meio para promover o Te Reo Maori. Então nós temos, acho eu, que O Te Reo Maori agora está em todos os meios de comunicação, então [por conseguinte em] toda a comunicação. Temos dicionários online, temos aplicativos para que as pessoas aprendam o idioma, vejam os termos do ponto de vista maori. Então [a influência maori na sociedade neozelandesa] é muito forte!

No entanto, a simplicidade merece ser considerada como um aspecto facilitador e Morris (2022) explica porque o processo neozelandês ocorreu de maneira mais rápida e aparentemente diferente dos idiomas indígenas falados no continente americano:

Quando falamos de diversidade cultural, temos sorte de sermos uma nação pequena, não como a América, um lugar enorme, e aí é mais difícil, com [a existência de muitos de] os dialetos diferentes, tão parecido com o Brasil, mas a língua materna aqui é uma. Temos uma única língua maori, mas temos diferentes dialetos dentro dessa língua, mas podemos nos entender. Para certas palavras, temos seis pronúncias diferentes da palavra para “ouvir”, por exemplo, seis pronúncias diferentes. E, a propósito, quando as pessoas pronunciam, você sabe de onde são, se são da Ilha Sul, se são da costa oeste ou leste, ou do lado norte. Nós temos diversidade cultural e mesmo agora, temos em nosso Parlamento, membros que falam Te Reo Maori, e quando eles falam, precisam ser traduzidos em tempo real. Assim, as pessoas que estão ouvindo as sessões podem ouvir o que os [legisladores] maoris estão dizendo, porque está sendo traduzido mesmo que eles falem em maori. E como você vê na TV [existem] as legendas, agora temos programas onde não há legendas, você tem que saber Te Reo Maori para poder entender.

Figura 3: Imagem do canal comunitário maori Te Reo com transmissão de Kapa Haka (competição de dança de guerra maori)



Além da Semana do Idioma Maori, com transmissão temática na Radio Active de Wellington, também se destaca a existência de emissoras com transmissão ininterrupta de conteúdos maori, como a Te Upoko, em AM 1161 kHz e em FM de

baixa potência, em 87,6 MHz. Diferente das emissoras bilíngues, como a Kia Ora 89,8 FM, a Te Upoko conta com apresentação em maori e um imenso repertório musical neste idioma, com gêneros que abrigam desde o cântico tradicional até o encontro com influências *pop* internacionais.

Figura 4: Banner da emissora de rádio Maori *Te Upoko*



Disponível em: www.teupoko.co.nz. Acesso em 22/11/2022.

Warren Warbrick mencionou que no aspecto das músicas maori, muitos elementos foram incorporados principalmente pelo contexto das letras ao expressarem a dor, angústia e esperança, como os ritmos jamaicanos *dub* e *reggae*, bem como a resiliência e a resistência expressadas pelo *rap* e *hip hop* norte-americanos. “Então, é perfeitamente compreensível termos músicas maori como *reggae* e *rap*” (WARBRICK, 2022). Apesar da influência abrigar a questão anglofônica, as apropriações passam a ter ressignificação cultural.

Considerações finais

Dentre os desafios para a integração multicultural entre Brasil e Nova Zelândia, vários entraves se destacaram, como a existência de mais de 500 etnias indígenas no Brasil, bem como a existência de quatro troncos linguísticos distintos entre si, bem como a contínua extinção de idiomas nativos já sublinhadas pelo Relatório da Unesco *Investing on a Foreign Culture* (2009, p. 14).

Embora as conquistas exitosas dos maori na Nova Zelândia se apresentem como significativas para o Brasil, assinalam-se duas peculiaridades como dificuldades restritas ao caso neozelandês: *uma única etnia nativa (maori) e um único idioma*. A

simplificação não pode se tornar alternativa de viabilidade indígena no Brasil, devido à necessidade de se considerarem os quinhentos povos indígenas e seus idiomas e, sobretudo, porque desde os casos de gentrificação ocorridos entre o início do século XX até a década de 1970 (PAPPIANI, 2021) demonstram que o sincretismo não tomou lugar mesmo com o deslocamento de indígenas das regiões sul e sudeste para as reservas da floresta amazônica.

Por fim, a ausência de lideranças indígenas na política torna evidente como a atuação do deputado e primeiro-ministro neozelandês Sir Apirana Ngata viabilizou garantias constitucionais para os maori, enquanto no Brasil, casos isolados ficariam gravados como comoção, como o líder indígena Aílton Krenak ao discursar na Assembleia Constituinte, em 1987, ao pintar seu rosto de preto em sinal de luto à ausência de leis de proteção a reservas indígenas no Brasil, sujeitas à grilagem e alienação territorial.

O pesquisador inglês Raymond Williams (1981, p.34) descreve a atuação do *artista institucionalizado*, diante de uma sociedade estruturada:

As funções [...] com frequência eram exercidas pelos mesmos indivíduos ou grupo de indivíduos. A diferença destas funções foi em parte, o seu desenvolvimento interno, à medida em que cada função ia requerendo mais habilidade e tempo. Mas também foi e, talvez fundamentalmente, o resultado de mudanças mais genéricas na organização social e no modo de produção

Deste modo, a necessidade de valorização dos povos indígenas na mídia brasileira se tornaria o principal ponto de partida da integração multicultural, experimentada na Nova Zelândia – para depois, valorizar elementos nativos de origem indígena, como por exemplo, a cultura caipira do interior brasileiro. Diante da escassez da produção de material multicultural, emerge uma urgente necessidade da realização de conteúdos, como o Programa de Índio da Rádio USP, fora do ar desde 1990.

Tais ações de valorização do multiculturalismo e das culturas indígenas torna-se necessária para se desfazer estigmas negativos enraizados: como a recusa dos indígenas

ao se unirem como uma única etnia híbrida, como resultado de uma suposta *preguiça* em meio ao desaparecimento de idiomas, ou o fardo do *complexo de Policarpo Quaresma* aos defensores da valorização das tradições indígenas, como uma utopia impossível. A necessidade da atuação de lideranças indígenas na política aponta como o artista institucionalizado aponta como o reconhecimento da multiculturalidade e a atuação de Sir Apirana Ngata garantiram as características que conferem à Nova Zelândia o protagonismo maori como agente do multiculturalismo.

Referências

- AZEVEDO, Ana. “Multiculturalismo na Nova Zelândia”. **Embaixada da Nova Zelândia**. Wellington, 2022. Documento encaminhado por e-mail em julho de 2022.
- BHABHA, Homi K. "Postcolonial criticism." In: **Redrawing the boundaries: the transformation of English and American literary studies**. Ed. Stephen Greenblatt and Giles B. Gunn. New York: Modern Language Association of America, 1992.
- BARRETO, Lima. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin: 2011.
- CUSHMAN, Ellen. “The Cherokee Syllabary: Writing the People's Perseverance”. Chapter 8 – **Peoplehood and Perseverance: The Cherokee Language, 1980–2010**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 13 September 2012.
- HALL, STUART. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MATSUURA, K. **Investing in cultural diversity and intercultural dialogue: UNESCO world report**. Luxemburg: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2009.
- UNIVERSITY OF OTAGO. “Karakia (Prayers)”. In: **Te Reo Māori**. Disponível em: <https://www.otago.ac.nz/maori/world/te-reo-maori/karakia-prayers/>. Acesso em 05/12/2022.

PAPPIANI, A. Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas. **Novos Olhares**, [S. 1.], v. 1, n. 1, p. 107-118, 2012.. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51452>. Acesso em: 22/11/2022.

PENETITO, Wally. **What's Maori about Maori Education?** Wellington: Te Herenga Waka University Press, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Sociología de la comunicación y del arte. Barcelona: Paidós, 1981.

Documentos audiovisuais

HASEGAWA, Maya. **Entrevista: Maya Hasegawa** [set. 2020]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2020. 1 arquivo. MP4 (177,4 min.).

MEIRELES, Eduardo. **Entrevista: Eduardo Meireles** [dez. 2020]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2020. 1 arquivo. MP4 (50,5 min.).

MORRIS, Hone. **Entrevista: Professor Hone Morris** [abr. 2022]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Revisão e transcrição de Gama! Traduções e Interpretações (Julio Trevisan). São Paulo: ECA-USP, 2022. 1 arquivo MP4 (78 minutos).

PAPPIANI, Ângela. **Entrevista: Ângela Pappiani** [mar. 2021]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2021. 1 arquivo. MP4 (84 min.).

REZENDE, Alda. **Entrevista: Alda Rezende** [dez. 2020]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2020. 1 arquivo. MP4 (60 min.).

SANTORO, Luiz Fernando. **Entrevista: Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro** [abr. 2022]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2020. 1 arquivo. MP4. (52 min.).

WARBRICK, Warren. **Entrevista: Warren Warbrick** [jul. 2022]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Palmerston North: Rangiemarie, 2022. 1 arquivo. MP3. (50 min.).

Websites

FREE FM. **Kia Ora Brazil**. Disponível em: <https://www.freefm.org.nz/Programmes/Details.aspx?PID=bb07de6b-0704-436c-945f-8074af262876>

NEW ZEALAND. **Māori Language Act 1987**. Disponível em: <http://www.legislation.govt.nz/act/public/1987/0176/latest/DLM124116.html>

NEW ZEALAND. **Broadcasting Act** 1989. Version as at October 28, 2021. Disponível em:

<https://www.legislation.govt.nz/act/public/1989/0025/latest/whole.html#DLM158011>

NZ ON AIR. **Diversity Report 2020**. Disponível em:

<https://www.nzonair.govt.nz/research/diversity-report-2020/>

NZ ON AIR. **Community Access Radio**. Disponível em:

<https://www.nzonair.govt.nz/about/our-funding-strategy/community-access-radio/?fbclid=IwAR29EdJ7p6-g38zu5fi4rzsJX0CV6jhjwTgaFIbnoT2-Ayn6cklaQwBSCEs>

NEW ZEALAND COMMUNITY ACCESS MEDIA ALLIANCE. **What is Access Media**. Disponível em: <http://www.cama.nz/>

PAPPIANI, Angela. **Ikore** – Programa de Índio. disponível em:

<http://ikore.com.br/programa-de-indio>. Acesso em 14/10/2022.

TE UPOKO. **Te Reo Irirangi O Te Upoko O Te Ika**. Disponível em: www.teupoko.co.nz. Acesso em: 22/11/2022.